

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DO PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES

NURSING ASSISTANCE IN PREVENTION OF HUMAN PAPILOMAVIRUS IN ADOLESCENTS

Larissa Gomes Soares¹, Luisa Medeiros Cosse¹, Juliana César Fernandes²

¹ Aluna do Curso de Enfermagem

² Professora do Curso de Enfermagem

Resumo

Introdução: O início precoce das atividades sexuais torna os adolescentes suscetíveis a ISTs, através do contato sexual sem proteção; eles estão sujeitos a adquirir o HPV, que tem crescido significativamente causando altas taxas de infecção pelo mundo. **Objetivo:** Desenvolver práticas educativas dos enfermeiros para conscientizar a prevenção com a vacinação contra o HPV em adolescentes, o uso dos preservativos, e os seus malefícios em adquirir a doença. **Materiais e Métodos:** A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica elaborada a partir de estudos publicados entre os anos de 2014 e 2022. Os dados para essa pesquisa foram coletados com desempenho qualitativo nos idiomas português e inglês. **Discussão:** Explicar sobre os tipos de HPV do alto ao baixo risco cancerígeno, que causam lesões clínicas e subclínicas, embora não haja cura, existem tratamentos para erradicação das lesões. Assim, o melhor meio de não adquirir a doença é a prevenção com o uso de preservativos, exames regulares de prevenção e a vacinação disponível para adolescentes de 9 a 14 anos. O enfermeiro tem papel primordial na prevenção, ao realizar o exame Papanicolaou, busca conscientizar sobre o sexo seguro, promover adesão à vacinação com o intuito de trazer informações adequadas sobre o vírus. **Conclusão:** Portanto, devido à alta vulnerabilidade dos adolescentes em adquirir o HPV, a vacinação é uma grande ferramenta de prevenção do câncer, sendo um investimento de longo prazo e os benefícios serão vistos quando adultos, então o enfermeiro deve desenvolver práticas de promoção da saúde e palestras educacionais.

Palavras-Chave: HPV em adolescentes; prevenção; papel do enfermeiro.

Abstract

Introduction: Early initiation of sexual activities makes adolescents susceptible to STIs through unprotected sexual contact; they are subject to acquiring HPV, which has grown significantly causing high rates of infection worldwide. **Objective:** To develop educational practices for nurses to raise awareness of prevention with vaccination against HPV in adolescents, the use of condoms, and their harm in acquiring the disease. **Materials and Methods:** The methodology used is the bibliographic review elaborated from studies published between the years 2014 and 2022. The data for this research were collected with qualitative performance in Portuguese and English. **Discussion:** Explain about the types of HPV from high to low carcinogenic risk, which cause clinical and subclinical lesions, although there is no cure, there are treatments to eradicate the lesions. Thus, the best way of not acquiring the disease is prevention with the use of condoms, regular preventive exams and vaccination available for adolescents aged 9 to 14 years. Nurses have a key role in prevention, when performing the Pap smear, they seek to raise awareness about safe sex, promote adherence to vaccination in order to bring adequate information about the virus. **Conclusion:** Therefore, due to the high vulnerability of adolescents to acquiring HPV, vaccination is a great cancer prevention tool, being a long-term investment and the benefits will be seen in adults, so nurses must develop health promotion practices and educational lectures.

Key words: HPV in adolescents; prevention; nurse's role.

Contato: larissa.gomes@somospromove.com.br luisa.medeiros@somospromove.com.br juliana.cesar@soupromove.com.br

Introdução

A palavra adolescente vem do latim, do verbo adolescer que significa crescer, desenvolver ou crescer até amadurecer (SILVA et al., 2015). Apesar da boa saúde física dos adolescentes, o início precoce da atividade sexual associado a fatores biológicos, psicológicos e sociais aumenta a sua vulnerabilidade às patologias, tornando-os alvos preferenciais de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Do ponto de vista biológico de MACÊDO et al. (2015), o epitélio cervical é mais frágil e mais suscetível à infecção do que um colo mais maduro.

Dessa forma, através do contato sexual sem proteção, os adolescentes estão sujeitos a adquirir o papilomavírus humano (HPV), afetando o epitélio cervical das meninas (OKAMOTO et al., 2016). A

maioria das pessoas infectadas não produz manifestações clínicas ou subclínicas, quando há clínicas podem aparecer em forma de lesão exofítica, sendo chamado condiloma acuminado, ou popularmente conhecida como crista de galo ou verrugas genitais (BRASIL, 2015).

Assim, o HPV é um vírus de DNA que induz espécies de lesões proliferativas na região anogenital. Atualmente, existem mais de 200 tipos de papilomavírus humano descritos, cerca de 40 tipos contaminam o trato anogenital e outros 20 tipos estão associados ao câncer do colo do útero (BRASIL, 2015).

O HPV é a IST mais comum mundialmente. As taxas mais altas de infecção foram encontradas na África Subsaariana (24%), Europa Oriental (21,4%) e América Latina (16,1%), e as mais baixas

na América do Norte (4,7%) e Ásia Ocidental (1,7%). O prevaletamento da infecção pelo HPV na população brasileira tem uma elevação constante e varia de acordo com o local anatômico do corpo, com a quantidade superior à taxa de infecção na localidade peniana (36%), seguindo da região cerviz e anal (cerca de 25%) e por último pela área oral (12%). Além disso, há diferenças geográficas na prevalência do HPV no Brasil, com exceção da região do pênis, com maior predomínio na região Nordeste e poucos dados nas regiões Norte e Centro-Oeste (COLPANI et al., 2020).

Devido as altas taxas de infecção no Brasil, em 2014 o Ministério da Saúde implementou no calendário de imunização a vacina contra o HPV para meninas de 9 a 13 anos. A partir de 2017, a vacinação foi para a seguinte faixa etária, meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos (VIEGAS et al., 2019). Entretanto, em 2022 a Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações (PNI) amplia a faixa etária dessa vacinação para o sexo masculino com a inclusão da faixa etária de 09 e 10 anos, igualando a recomendação do sexo feminino, sendo agora ambos os sexos de 9 a 14 anos (BRASIL, 2022).

Nesse contexto, é necessária a atuação de um profissional da área da saúde, o enfermeiro, que atua na administração da vacina contra o HPV e realiza ações educativas com adolescentes de diferentes setores e classes sociais para prevenir riscos de exposição. O enfermeiro, além de ter as habilidades para educar a comunidade sobre vacinação, com foco na prevenção primária do câncer do colo de útero, tem o papel de incentivar o uso dos preservativos, promover mudanças nos hábitos sexuais dos adolescentes, procurando ativamente por casos suspeitos do vírus em um estágio inicial (SILVA et al., 2018).

Dessa forma, esse artigo tem o intuito de descrever a importância da educação em saúde realizada pelo profissional enfermeiro, para conscientizar a prevenção com a vacinação contra o HPV em adolescentes, o uso dos preservativos, e os seus malefícios em adquirir a doença.

Materiais e Métodos

A elaboração do trabalho constituiu em um estudo bibliográfico da literatura para analisar a importância do papel do enfermeiro para a prevenção contra o HPV em adolescentes. Os dados para essa pesquisa foram coletados com desempenho qualitativo nos idiomas português e inglês, sendo extraídos por sites bibliográficos como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed, Instituto Nacional de Câncer (INCA) e Ministério da Saúde.

Aplicado como critério de inclusão o ano de publicação dos artigos foram de 2013 a 2022. Com exceção de um artigo de 2007 por conter informações primordiais para o trabalho. Com um total de 27 artigos foram selecionados, sendo 24 na língua portuguesa e 3 na língua inglesa. Foram descartados 23 artigos como fonte de pesquisas de HPV em adultos.

No período de junho a dezembro de 2022 foi realizado revisões de bibliografias e os relatores utilizados para pesquisas foram: HPV em adolescentes, prevenção e o papel do enfermeiro. Através dos tópicos selecionados, o objetivo é de trazer informações claras e conclusivas sobre o tema abordado.

Discussão

Papilomavírus humano

O HPV é um vírus de DNA de cadeia dupla não encapsulada, pertencente à família *Papillomaviridae*. A infecção do epitélio escamoso induz uma variedade de lesões na pele e nas mucosas, especialmente na área anogenital. Mais de 200 tipos de HPV identificados, cerca de 40 tipos dos quais afetam o trato anogenital (CARVALHO et al., 2020).

Conforme o risco de malignidade, os tipos de vírus que afetam o trato genital inferior mais comum são:

1. Alto risco para câncer maligno: 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59, 68, 73, 82;
2. Potencial cancerígeno: 26, 53 e 66;
3. Baixo risco maligno, mais causadores de condilomas no trato anogenital: 6, 11, 40, 42, 43, 44, 54, 61, 70, 72, 81.

Entretanto, dos mais de 40 tipos de HPV encontrados no trato reprodutivo, aproximadamente 15, 16, 18, 31, 33,35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59, 68, 73 e 82 foram encontrados no câncer do colo do útero invasiva, com risco estimado variando de 50 até mais de 100, riscos relativos de alta probabilidade para se adquirir a doença (FERREIRA, 2007).

A doença está intimamente associada ao desenvolvimento de manifestações clínicas, como condiloma acuminado (vulgarmente conhecido como “crista de galo”, “figueira”, “cavalo com crista” ou verrugas) ou o aparecimento de câncer. No entanto, a presença do vírus no organismo quase sempre apresenta sintomas de forma silenciosa,

embora possa surgir coceira, congestão sanguínea e descamação local (ABREU et al., 2018).

O vírus provoca infecções que podem se manifestar de duas formas: clínica e subclínica. As lesões que aparecem clinicamente na forma de verrugas, têm a aparência de couve-flor e vêm de tamanhos diferentes. Nas mulheres, elas podem aparecer no colo do útero, vagina, vulva, região pubiana, períneo, perianal e ânus. Nos homens, surgem no pênis (geralmente na glande), escroto, região púbica, região perianal e ânus. Essas lesões manifestam na boca e garganta de ambos os sexos. Infecções subclínicas (invisíveis a olho nu) podem ser encontradas no mesmo local e não apresentam sintomas ou sinais. No colo do útero, são referidas como lesão intraepitelial de baixo grau/neoplasia intraepitelial grau I (NIC I), refletindo apenas a presença do vírus e intraepitelial de alto grau/neoplasia intraepitelial grau II ou III (NIC II ou III), que são verdadeiras precursoras do câncer do colo do útero (BRASIL, 2022).

Dessa forma, é necessário realizar o diagnóstico do HPV através do reconhecimento da presença de verrugas; se forem detectadas, devem ser eliminadas. Entretanto, caso elas não sejam visíveis a olho nu, é feito por exames urológico masculino e colposcopia feminina; esses testes são considerados os melhores, pois a maioria das lesões (80%) são encontradas por eles. Em ambos os testes são coletadas amostras para análise laboratorial (GOZZO et al., 2013).

Os objetivos do tratamento de verrugas anogenitais são a erradicação do condiloma acuminado, embora não haja uma evidência de cura até o momento que modifiquem instantaneamente a história natural da infecção pelo HPV. Nesse sentido, caso o paciente não faça o tratamento, as lesões podem ser permanentes, aumentarem em quantidade e tamanho ou desaparecem, entretanto, o tratamento não elimina a infecção pelo HPV. Atualmente, existe uma variedade de medicamentos e cirurgias para tratar verrugas anogenitais, incluindo intervenções medicamentosas com administração tópica dos seguintes: ácido tricloroacético 60% a 80%; creme de imiquimod 5%; solução de podofilina 10% a 25%; solução 0,5% de podofilotoxina; e creme de podofilotoxina 0,15%. Quanto à solução de podofilotoxina a 0,5%, não se encontra disponível no Brasil, no SUS e na rede privada, deve ser destacada pela sua eficácia (VAL et al., 2021).

Medidas profiláticas

Os adolescentes são um dos grupos prioritários do Programa Nacional de Imunizações do Brasil (PNI) por apresentarem alta

suscetibilidade a determinadas doenças imunopreveníveis, principalmente pela baixa cobertura vacinal nessa faixa etária (VIEGAS et al., 2019). Segundo o Ministério da Saúde (2014), a vacinação contra o HPV é a forma mais eficaz de prevenir a infecção. As vacinas são distribuídas gratuitamente pelo SUS, a mesma não protege contra todos os tipos de infecções causados pelo HPV, mas tem como indicação meninas e meninos de 9 a 14 anos para a imunização ativa contra os tipos de HPV 6, 11, 16 e 18. Sendo os tipos 6 e 11 que causam maior parte dos casos de verrugas genitais e os tipos 16 e 18 que causam a maioria dos casos de câncer do colo uterino e anal, câncer vaginal, vulvar, lesões pré-cancerosas ou displásicas (BRASIL, 2022).

O PNI relata que os adolescentes devem ser administrados 2 doses com intervalos de 0 e 6 meses da vacina. Estes que receberam a primeira dose da vacina nessas faixas etárias, mesmo que o intervalo recomendado tenha ultrapassado seis meses, podem receber uma segunda dose para não perder a sequência do esquema vacinal. Já homens e mulheres de 9 a 45 anos, infectados pelo HIV, pacientes com câncer, transplantados de órgãos sólidos, ou medula óssea, podem solicitar a vacina em esquema de 3 doses com intervalos de 0, 2, 6 meses (BRASIL, 2022).

Dessa forma, além da vacina contra o HPV, outra medida profilática, eficiente e importante é o Papanicolau. Este exame ginecológico preventivo mais comum usado para identificar lesões e a detectar células anormais no revestimento do colo do útero que podem ser tratadas antes de se transverter em câncer (BRASIL, 2022). O câncer do colo do útero é raro em adolescentes, cerca de 0,2% dos casos foram diagnosticados com menos de 20 anos. Portanto, a triagem por citologia cervical não é recomendada nessa população adolescente. Meninas com menos de 25 anos podem tratar lesões que na maioria dos processos infecciosos retrocede espontaneamente e a maioria das pacientes que manifestam alterações, possui lesões simples, não pioneira do câncer. O rastreamento excessivo podem causar danos físicos e psicológicos e levar a custos desnecessários na área da saúde (Rosa; Mohammadi, 2014).

O uso de preservativo masculino ou feminino durante o sexo é outra forma importante de prevenção do HPV e são mais eficazes na prevenção da infecção se usados desde o início da relação sexual. No entanto, embora previna a maioria das ISTs, o seu uso não previne completamente a infecção pelo HPV, pois as lesões geralmente aparecem em áreas não protegidas por preservativos como a vulva, púbis, períneo ou escroto e em contatos podem se contaminar com o

vírus (BRASIL, 2022).

Papel do enfermeiro

O papel primordial do cuidado é a prevenção, tarefa essencial na redução da taxa de infecção pelo HPV, conscientizando os adolescentes sobre sexo seguro, uso de preservativo e ações para promover mudança de comportamento sexual e detecção precoce de suspeita de HPV. A enfermagem deve estimular as meninas e meninos a realizarem a triagem preventiva, pois o medo, o desconforto e a vergonha associados à falta de informações são os principais motivos de não aceitação ao exame e consultas (FERNANDES et al., 2014).

Considerando as orientações do Ministério da Saúde sobre os cuidados e realização do exame Papanicolau para adolescentes sexualmente ativas, os profissionais enfermeiros destacam-se na educação em saúde do público adolescente com o objetivo de sensibilizar e estimular a prática do exame. O enfermeiro é um profissional capacitado para aplicação dos exames e ampliar os laços de confiança com os adolescentes (JARDIM; PEREIRA; CRUZ, 2013).

Neste sentido, é fundamental construir estratégias para desenvolver ou fortalecer a capacidade de promover a adesão às vacinações e a continuidade dos programas de imunização, além de parceria com as ações de enfermagem na atenção primária à saúde, com foco na promoção da saúde do adolescente e prevenção oncológica. Ressalta-se a relevância das intervenções educativas como recurso para promover a saúde e a atuação do adolescente como agente ativo do cuidado. As relações entre a enfermagem e populações-alvo, mediadas por cartilhas de informação, promovem o conhecimento e as atitudes dos adolescentes em relação aos comportamentos e cuidados saudáveis (FERREIRA et al., 2022).

É de responsabilidade do enfermeiro realizar visita domiciliar para conhecer o adolescente e a sua família, que representam ferramentas necessárias para a ação prática de atenção primária à saúde, especialmente na Estratégia Saúde da Família (ESF), com o intuito de ouvi-lo com mais atenção, compreender a sua realidade e determinar o risco de inserção no seu meio ambiente (REGO et al., 2021).

Enfim, podemos dizer que os profissionais da linha de frente dos serviços de saúde são importantes para a real investigação e a notificação de novos casos e atualização de portadores de HPV. Assim, os enfermeiros colaboram com o

serviço epidemiológico, contribuindo para a geração de estatísticas, para criar metas, oferecendo uma cobertura voltada para a população exposta a esse vírus. Portanto, existe um grande problema para combater o HPV, a falta de informação, a negação dos pais dos adolescentes que realmente precisam de acesso à imunologia, com tabus e mitos que existem e precisam ser encerrados, em torno do tema da vacinação (SILVA et al., 2021).

Conclusão:

O início precoce da atividade sexual está começando a preocupar os profissionais de saúde devido o aparecimento de danos mais graves, pelo aumento da vulnerabilidade às patologias, se tornando alvos de ISTs, como o HPV.

Devido essa vulnerabilidade, a vacina contra o HPV é uma grande ferramenta na prevenção do câncer do colo do útero. No entanto, é um investimento de longo prazo em saúde porque é voltado para adolescentes, e os seus benefícios serão vistos na idade adulta. Embora a vacina seja considerada um importante avanço científico, ela não substitui o modelo preventivo utilizado até o momento para o controle de infecções sexualmente transmissíveis. E não podemos descartar a necessidade de check-ups preventivos regulares.

É preciso investir no desenvolvimento em práticas de promoção da saúde para mudar esse aspecto. Nesse sentido, é necessário avaliar a educação sexual nas escolas, instituições de ensino, para que possam dar apoio e oferecer educação em saúde a esses adolescentes.

Assim, o enfermeiro é primordial nesse contexto atual e deve promover campanhas de vacinações contra o HPV, palestras educacionais para adolescentes e pais, utilizar uma linguagem adequada, direta e apropriada, eliminar mitos e desvendar tabus, a fim de trazer mais informações sobre o vírus. Faz-se necessário, investir em novas pesquisas sobre a saúde sexual e reprodutiva dessa população, analisando as influências sociais, econômicas e culturais, principalmente, as questões de gênero que permeiam todas elas.

Agradecimentos:

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso II contou com ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradecemos:

A professora orientadora Juliana César Fernandes, que durante todos esses meses nos acompanhou pontualmente, proporcionando todo

suporte necessário para a elaboração do trabalho; aos professores do curso de enfermagem que através dos seus ensinamentos permitiram que pudéssemos estar aqui hoje concluindo este

trabalho; a nossa parceria em dupla, pelo empenho, tempo, dedicação, paciência, apoio e as nossas famílias que nos incentivaram a todo momento e não permitiram que desistíssemos.

Referências:

Abreu, M. N. S. et al. Conhecimento e percepção sobre o HPV na população com mais de 18 anos da cidade de Ipatinga, MG, Brasil. *Revista de Ciência & Saúde Coletiva*, v. 23, n. 3, p. 849-60, 2018.

Brasil. Instituto nacional do câncer – INCA. Ministério da saúde, Perguntas frequentes sobre HPV. 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inca/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/hpv>. Acesso: 04/11/2022.

Brasil. Ministério da Saúde, Em Minas Gerais, mais de 704 mil meninos devem ser vacinados contra HPV. Publicado em 21/06/2017, 18h07. Atualizado em 23/12/2021, 15h35. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2017/junho/em-minas-gerais-mais-de-704-mil-meninos-devem-ser-vacinados-contra-hpv>. Acesso: 22/05/2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Glossário saúde de A a Z – HPV <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hpv>. Acesso: 01/11/2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Ampliação da oferta da vacina meningocócica ACWY (Conjugada) para os adolescentes não vacinados entre 11 e 14 anos de idade (de forma temporária) e ampliação da oferta da vacina HPV4 para meninos de 09 a 14 anos de idade. Publicado em 30 de agosto de 2022. Atualizado em 07 de setembro de 2022. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/files/notas-tecnicas/informe-pni-svs-ampliacao-hpv-temporaria-acwy-220908.pdf>. Acesso: 19/09/2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Ampliação da faixa etária da vacina HPV quadrivalente para homens com imunossupressão até 45 anos de idade. Publicado em 22 de junho de 2022. Atualizado 04 de julho de 2022. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/files/notas-tecnicas/oficio-810-2022-pni-deidt-svs-ms-hpvimunossuprimidoshomens45.pdf>. Acesso: 06/07/2022

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. 122p. Acesso: 21/05/2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Coordenação-Geral do Programa Nacional de Imunizações. Informe técnico sobre a vacina papilomavírus humano (HPV) na atenção básica 2014. Disponível em: <https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/junho/26/Informe-T--cnico-Introdu----o-vacina-HPV-18-2-2014.pdf>. Acesso: 02/11/2022.

Calvacante, D.R. et al. O impacto da adesão vacinal contra o HPV entre jovens: um estudo transversal. *Jataí – Goais 2020*. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/15142/12493>. Acesso: 01/11/2022.

Carvalho, N.S. et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo papilomavírus humano (HPV). *Epidemiol. Serv. Saúde* vol.30 no.esp1 Brasília 2021 Epub 28-Fev-2021.

Colpani, V. et al. Prevalence of human papillomavirus (HPV) in Brazil: A systematic review and meta-analysis. *PLoS One* 2020; 15(2):e0229154.

Cruz, D.E.; Jardim, D.P. Adolescência e Papanicolau: conhecimento e prática. *Adolescência e Saúde*, v. 10, n. 1, p. 34-42, 2013. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742021000500014#:~:text=Os%20tipos%20de%20HPV%20que,intraepiteliais%20escamosas%20de%20baixo%20grau. Acesso: 01/11/2022.

Fernandes, M.S. et al. Papel da enfermagem na prevenção de infecção por hpv em adolescentes e jovens. *Anais CONACIS*. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5457>. Acesso: 02/11/2022.

Ferreira, H.L.O.C., et al. Effect of educational intervention for compliance of school adolescents with the human papillomavirus vaccine. *Rev Esc Enferm USP*. 2022. 56:e20220082. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2022-0082en>. Acesso: 02/11/2022.

Ferreira, M.D.P.L. Prevalência de HPV e seus Fatores de Risco em Adolescentes e Mulheres Jovens. 2007. Disponível em: <https://www.metuia.ufscar.br/estado-da-arte/juventude-sexualidade-e-genero/2007/maria-diva-paz-de-lima-ferreira.pdf>. Acesso: 01/11/2022.

Gozzo, et al. O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. Florianópolis - Santa Catarina 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/L34XwsHPgshmjFTCBx6PjnL/abstract/?lang=pt>. Acesso: 01/11/2022.

Macêdo, F.L.D.S. et al. Infecção pelo HPV na adolescente. Teresina - Piauí 2015. Disponível em <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2015/v43n4/a5312.pdf>. Acesso: 19/09/2022.

Okamoto, C.T. et al. Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção. *Revista brasileira de educação médica*, 2016, v. 40, n. 4, p. 611-620.

Rego, D.M.; Silva, G.M.; Silva, V.S. Atuação do enfermeiro na prevenção do hpv em adolescentes no município de Porto Calvo - Alagoas 2021. Disponível em <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/3867/tcc%20pronto%20%20para%20CD%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25/11/2022.

Rodrigues, A.F.; Souza, J.A. Papilomavírus Humano: prevenção e diagnóstico. *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*. Santa Cruz do Sul 2015, 5 (4) 197-202 ISSN: Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570463812006>. Acesso: 22/05/2022.

Rosa, M.; Mohammadi, A. Cervical cytology and human papillomavirus testing in adolescent women: implications in management of a positive HPV test. *Pathology Research International*. 2014;4:1-4

Silva, A.S.N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-62232015000300004>. Acesso: 01/12/2022.

Silva, J.S. et al. A importância da enfermagem no combate ao HPV e prevenção do câncer de colo do útero. *Revista eletrônica, Estácio Recife*, 2021. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/538>. Acesso: 01/12/2022.

Silva, P.M.C. et al. Conhecimento e atitudes sobre o papilomavírus humano e a vacinação, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/R4HvzH5Lsx76nv3jNN4S4VC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 20/09/2022.

Val, I.C. et al. Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo papiloma vírus humano (HPV) 12 pg. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-4974202100014.esp1>. Acesso: 24/05/2022.

Viegas, S.M.F. et al. A vacinação e o saber do adolescente: educação em saúde e ações para a imunoprevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2019; 24(2):351-360

Viegas, S.M.F. et al. Preciso mesmo tomar vacina? Informação e conhecimento de adolescentes sobre as vacinas. *Av Enferm* 2019; 37(2):217-226 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.35842020>. Acesso: 19/09/2022.

